

Psammodromus hispanicus Fitzinger, 1826

Lagartixa-do-mato-ibérica

Lagartija cenicienta, Spanish *Psammodromus*

TAXONOMIA E FILOGEOGRAFIA

As duas subespécies de *Psammodromus hispanicus* habitualmente consideradas, *P. h. hispanicus* Fitzinger, 1826, no Oeste e Centro da Península Ibérica, e *P. h. edwardsianus* (Dugès, 1829), na costa mediterrânica espanhola e França, apresentam caracteres morfológicos bem diferenciados (Pérez-Mellado, 1998c) que, aliás, foram confirmados por estudos moleculares recentes baseados em marcadores mitocondriais (Carranza et al., 2006a). Esta espécie faz parte de um grupo que se terá separado da linhagem em que se inclui *P. algirus* no início do Mioceno, há cerca de 25 Ma, e divergiu, posteriormente, da forma africana *P. blanci* há 20 Ma (*P. microdactylus*, também africano, ainda não foi analisado). Carranza et al. (2006a) sugerem, ainda, que a separação das duas subespécies é também muito antiga (9,6 Ma), pelo que esta ampla diferenciação, tanto genética como morfológica, justificaria a sua eventual elevação ao nível específico. No entanto, as respectivas áreas de distribuição não são ainda bem conhecidas, nem foram localizadas zonas de contacto. Alguns autores, baseando-se na sua presença a leste do rio Ródano, especulam que a sua expansão para norte dos Pirinéus, após a última glaciação, deve ter antecedido a de outros lacertídeos mediterrânicos ibéricos (Carretero et al., 2002d).

DISTRIBUIÇÃO GLOBAL

É um lacertídeo maioritariamente ibérico cuja distribuição se estende, também, pelo Sudeste de França, atravessando o rio Ródano até ao departamento do Var (Guillaume, 1997b). Actualmente, é possível observar alguma interrupção ao nível da costa do extremo Nordeste de Espanha entre as populações ibéricas e francesas (Carretero, 1992; Llorente et al., 1995). As duas observações registadas em Marrocos correspondem, possivelmente, a erros de identificação ou de etiquetagem (Carretero et al., 2002d). Na Península Ibérica, não se encontra no Noroeste de Portugal, em quase toda a Galiza, na Cordilheira Cantábrica e Norte do planalto castelhano, no Sistema Ibérico Setentrional, nos Pirinéus e pré-Pirinéus, assim como noutras regiões de maior altitude. No seu limite setentrional, segue as bacias dos rios Sil (Balado et al., 1995), Douro e Ebro (Carretero

et al., 2002d). Conhecem-se populações nas ilhas de Barón e Perdiguera, no Sudeste de Espanha (Mateo, 1990a). Apresenta uma distribuição dispersa, escasseando quando a latitude ou a altitude aumentam. Pode ser localmente abundante nas áreas costeiras e nalgumas zonas abertas dos planaltos portugueses e castelhanos. O carácter irregular das observações desta espécie não reflecte apenas dificuldades de detecção, mas pode também ser devido a flutuações demográficas importantes e à sua ausência em áreas teoricamente favoráveis (Carretero et al., 2002d). Sendo uma espécie termófila, ocorre principalmente em regiões com temperaturas médias superiores a 12°C e precipitação anual inferior a 700 mm (Carretero et al., 2002d). Na Península Ibérica distribui-se desde o nível do mar até aos 1700 m de altitude, nas Serras de Guadarrama e Nevada (Fernández-Cardenete et al., 2000), embora nas áreas mais setentrionais não ultrapasse os 800 m (Carretero et al., 2002d).

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL

Estende-se por grande parte do território continental mas não ocupa as áreas de influência atlântica do Noroeste, assim como regiões do Centro e Sul do país dentro do domínio mediterrânico. Assim, está ausente de toda a região compreendida entre os rios Minho e Mondego, das Serras do Alvão, Montemuro, Estrela e Lousã, e de amplas áreas interiores do Ribatejo e Alentejo. Não ocorre ainda noutras áreas menores do litoral e do interior. No futuro, apenas o aumento do esforço de prospecção poderá permitir distinguir entre ausências reais e aquelas que se devem a baixas densidades populacionais ou à dificuldade de detecção da espécie. Em Portugal, encontra-se desde o nível do mar até aos 1150 m. As populações mais densas desta espécie ocorrem em habitats secos e abertos e com inclinação reduzida (Carrascal et al., 1989; Malkmus, 2004e), especialmente em zonas de substrato pouco consolidado onde se pode enterrar rapidamente. No entanto, pode também ocupar de modo sub-ótimo áreas florestais com substrato compacto e ainda regiões pedregosas. Encontra-se em dunas costeiras mediterrânicas, matos esclerófilos e pré-estepários muito abertos, assim como em florestas mediterrânicas esclerófilas ou de coníferas, mais ou menos



PhG



VR

abertas. Abunda ainda nos pousios e nalgumas culturas de sequeiro. Associa-se tipicamente a manchas de vegetação sub-arbustiva densa, alternadas com espaços de terreno aberto (idealmente inferior a 60% e com 20-40 cm de altura), que é capaz de atravessar a grande velocidade (Carretero & Llorente, 1997b).

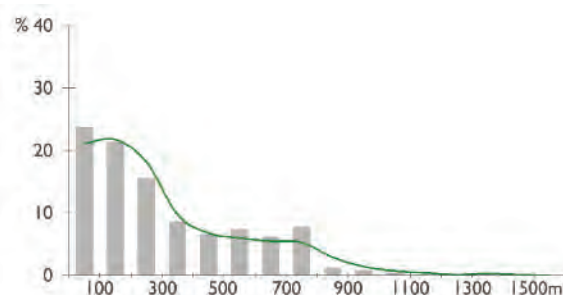
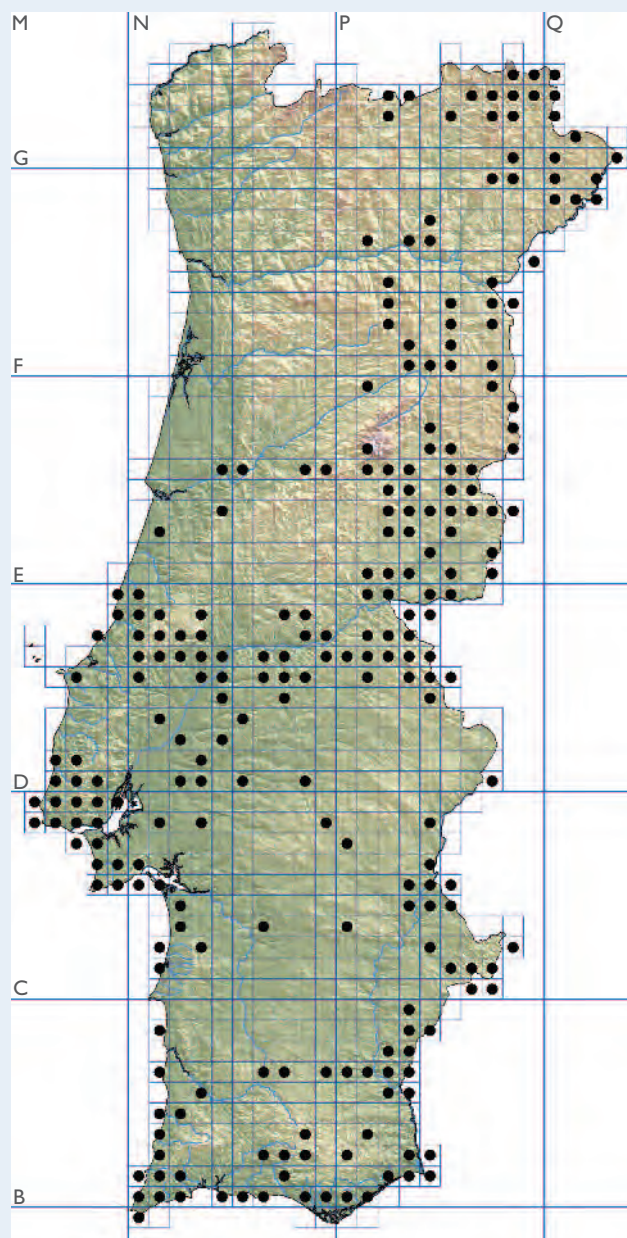
CONSERVAÇÃO E AMEAÇAS

As características peculiares desta espécie, que renova anualmente quase toda a população, provocam fortes flutuações demográficas, particularmente nos habitats com maior cobertura, onde a densidade é menor (Carretero & Llorente, 1991). No entanto, em zonas abertas, as populações são mais abundantes e estáveis (Carretero, 1997/98; Carretero & Bartralot, 2000). A destruição das margens de caminhos e culturas, a transformação em regadios de áreas de sequeiro e a urbanização maciça do litoral são factores que já provocaram a extinção de algumas populações e o isolamento de outras (Carretero, 1992). Embora globalmente não se encontre ameaçada, a lagartixa-do-mato-ibérica é sensível a fenómenos de fragmentação e extinção local, especialmente nos limites da sua distribuição. A preservação da diversidade dos habitats e a sua recuperação nas regiões menos adequadas constituiriam a melhor estratégia para a conservação desta espécie.

Miguel A. Carretero



CC



Nº quadrículas	% Portugal	% Global	LVVP
244	24,2%	14,7%	NT